



**Segunda
editorial**

**Zweiter
Leitartikel**

**Second
editorial**

**Deuxième
éditorial**

**Segundo
editorial**

A Impronta Ditatorial de Kast: **Tecnofascismo, Servilismo a Trump e a Captura Digital do Poder no Chile**

Uma análise dos elementos que configuram o projeto político do Presidente chileno e seus vínculos com a extrema-direita internacional

A chegada de José Antonio Kast à Presidência do Chile não representa uma simples mudança administrativa nem mais uma alternância democrática no ciclo político do país. Os elementos acumulados nos últimos meses — desde seu alinhamento explícito com Donald Trump até o escândalo do operador argentino Fernando Cerimedo e sua fábrica de bots — configuram um cenário que exige uma análise profunda sobre o caráter do projeto político que se instalou no Palácio de La Moneda.



Ilustración: Lucot

A Origem: Uma Herança que Pesa

José Antonio Kast vem de uma família de origem alemã. Seu pai, Miguel Kast Rist, chegou ao Chile vindo da Alemanha e foi um estreito colaborador da ditadura de Augusto Pinochet, comprometido nos crimes da chamada "Caravana da Morte" em Paine. Essa herança familiar não é um dado anedótico: marca uma continuidade ideológica que Kast nunca repudiou.

Ao longo de sua carreira política, Kast manteve uma posição ambígua e complacente em relação à ditadura. Propôs

perdoar condenados maiores de 80 anos com doenças associadas à idade, incluindo aqueles que foram condenados por violações de direitos humanos sob o governo de Pinochet. Sua formação política teve início no Movimento Gremialista, fundado por Jaime Guzmán, ideólogo da Constituição de 1980 e colaborador próximo do ditador. Essa raiz não é casual: representa uma adesão doutrinária ao projeto político que Pinochet impôs pela força.

Em suas duas candidaturas presidenciais anteriores (2017 e 2021) e até sua vitória em 2025, Kast nunca condenou o fascismo nem o nazismo dos quais seu pai provinha, e tem evitado sistematicamente se pronunciar contra os crimes da ditadura. Pelo contrário, apresentou-se como seu continuador natural no terreno das ideias.

Presidente da Internacional Extrema-Direitista

Entre 2022 e 2023, Kast presidiu a organização internacional de extrema-direita que agrupa as forças conservadoras e reacionárias do continente. Esse papel não foi honorífico: posicionou-o como o articulador de um projeto político que busca coordenar ações entre governos afins, compartilhar estratégias de comunicação, desinformação e controle social, e estabelecer uma agenda comum para a região.

Essa internacional fascista — como a denominam alguns analistas — não se limita a declarações de princípios. Opera em rede, compartilha recursos e financia campanhas por meio de estruturas paralelas. Kast foi um de seus principais impulsionadores e, desde então, mantém estreitos vínculos com Javier Milei (Argentina), Jair Bolsonaro (Brasil), Rodrigo Paz (Bolívia), Daniel Noboa (Equador) e outros mandatários da extrema-direita latino-americana.

A Absorção da Direita Liberal: O Fim de uma Ilusão

Um dos fenômenos mais notáveis da última década na América Latina tem sido a **absorção completa da chamada "direita liberal" pela direita fascista**. Partidos que no passado se reivindicavam defensores da democracia representativa, do Estado de Direito e dos valores republicanos — desde o Chile Vamos no Chile até o Juntos por el Cambio na Argentina, passando pelo Partido Colorado no Uruguai ou o PAN no México — foram engolidos pelo projeto autoritário, militarista e reacionário que hoje encarnam Kast, Milei, Bolsonaro e seus pares.

Não se trata de uma aliança de conveniência: é uma **subordinação ideológica e orgânica**. Os quadros da direita tradicional aceitaram sem resistência a agenda da extrema-direita: o negacionismo climático, a perseguição a minorias, o desmonte do Estado social, a cumplicidade com discursos de ódio e a justificação da violência institucional. A velha distinção entre uma "direita civilizada" e uma "direita fascista" tornou-se obsoleta: hoje, na prática, a primeira renunciou às suas bandeiras históricas e se curvou à segunda, não por convicção profunda, mas por cálculo eleitoral, medo de perder poder ou simples oportunismo.

Nesse processo, os valores democráticos foram o primeiro sacrifício. A defesa da Constituição, a independência do Poder Judiciário, a liberdade de imprensa, o pluralismo político e os direitos humanos são considerados hoje por essa nova direita como "obstáculos" à "ordem" que pretendem impor. A democracia, para eles, é apenas um procedimento formal — o voto — mas não um sistema de valores nem uma forma de vida. Uma vez obtido o poder pela via eleitoral, sentem-se legitimados a governar sem contrapesos, sem debate e sem prestação de contas.

Essa absorção também foi possível porque a direita liberal carecia de um projeto próprio com capacidade de mobilização popular. Diante desse vazio, a extrema-direita ofereceu uma narrativa potente: nacionalismo excludente, ordem autoritária, defesa da família tradicional e uma promessa de segurança que justifica qualquer medida, mesmo as mais violadoras de direitos. A direita liberal, desprovida de bússola, deixou-se arrastar pela corrente e hoje, na maioria dos países, já não existe como força diferenciada.

Obediência a Trump e Alinhamento Militarista

A relação de Kast com Donald Trump transcende a mera afinidade ideológica. Cinco dias antes de assumir a presidência, Kast viajou a Miami para participar da cúpula "Escudo das Américas", organizada pela administração Trump, o que muitos interpretaram como uma priorização do "beija-mão" ao mandatário estadunidense em detrimento dos rituais institucionais da transição de poder no Chile.

Nessa cúpula, Kast não apenas agradeceu a Trump por seu apoio na campanha eleitoral — um gesto que o próprio Trump exibiu com arrogância: "Adoro quando dou apoio a alguém... eles ganham por 30 pontos" — mas também endossou explicitamente a intervenção militar estadunidense na Venezuela. "Para nós, o que havia acontecido na Venezuela tinha sido algo muito bom... tinha que haver algum tipo de intervenção", declarou Kast em Miami.

O presidente eleito chileno também instou Trump a "fazer o possível para que os cubanos recuperem a liberdade", alinhando-se com a política de bloqueio e pressão de Washington contra a ilha.

Esse servilismo não é retórico: implica a incorporação do Chile à órbita da Doutrina Monroe atualizada por Trump, que

inclui o apoio a operações militares na região, a interferência em assuntos internos de países latino-americanos e a subordinação dos interesses nacionais aos da Casa Branca. A cúpula Escudo das Américas reuniu os mandatários alinhados a Trump para coordenar ações contra o crime organizado, mas também para estabelecer uma aliança geopolítica que desloca o Chile de sua posição tradicional de país não alinhado e o integra a uma coalizão de direita beligerante.

O Escândalo Cerimedo: A Trama Digital do Poder

Um dos elementos mais inquietantes do período recente é a descoberta na Bolívia de uma "fazenda de bots" vinculada ao operador político argentino Fernando Cerimedo, atualmente detido e acusado de tentativa de feminicídio.

Cerimedo, assessor de figuras da extrema-direita latino-americana como Javier Milei e Jair Bolsonaro, trabalhou no Chile. Durante uma busca em sua residência em La Paz, as autoridades encontraram uma suposta fazenda de bots e US\$ 50 mil em diversas moedas. Cerimedo administrava milhares de contas falsas em redes sociais para intervir no debate público. Em uma entrevista, reconheceu que geria cerca de 50 mil contas apenas para a Argentina e que também as tinha para o Chile.

No Chile, Cerimedo trabalhou na campanha contra a proposta constitucional de 2021 e, segundo múltiplas reportagens, também participou da campanha presidencial de José Antonio Kast. Seu vínculo com o entorno de Kast não é indireto: Alejandro Irarrázabal, atual chefe de assessores do Presidente Kast, foi apontado como um dos elos com o operador argentino. Cerimedo foi visto comemorando nas ruas de Santiago a vitória de Kast no segundo turno e deu declarações à TVN.

Cinco deputados da oposição anunciaram ações para esclarecer os vínculos entre Cerimedo e o governo, oficiando ao Servel e ao Palácio de La Moneda. O deputado Daniel Manoucheri desafiou diretamente o Presidente: "O presidente Kast e o Partido Republicano devem esclarecer seus vínculos com Fernando Cerimedo. O país merece saber quem financiou esses grupos".

O caso Cerimedo revela a existência de uma infraestrutura de desinformação e guerra suja digital financiada e operada a serviço da extrema-direita. Não se trata de "bots" isolados nem de fenômenos espontâneos: é uma máquina organizada com financiamento, operadores e objetivos políticos claros.

O Paradoxo da Legalidade Eleitoral e do Tecnofascismo

Uma observação aguda do cenário atual é que, apesar das evidências do uso de "bots" e estratégias de desinformação para influenciar o processo eleitoral, não se pode falar em fraude eleitoral no sentido clássico. Não houve adulteração de urnas nem falsificação de votos. No entanto, a manipulação do debate público, a criação de realidades paralelas por meio da desinformação em massa e a intervenção digital estrangeira configuram o que alguns analistas denominam "tecnofascismo": uma forma de controle social e manipulação política que opera por meio de meios digitais, sem necessidade de violar os mecanismos formais da democracia.

Os votos são legais, mas o processo foi contaminado. A "guerra de bots" distorceu a deliberação pública, fabricou consensos artificiais e amplificou narrativas favoráveis a Kast. Isso levanta uma questão incômoda para os sistemas democráticos: qual o valor da legalidade formal quando o processo foi viciado pela manipulação digital?

O Mapa da Extrema-Direita na Região e a Nova Geopolítica do Autoritarismo

Hoje, a América Latina apresenta um mapa preocupante: a maioria dos países é governada por mandatários de extrema-direita alinhados com Trump. O Chile soma-se agora a essa coalizão que inclui Argentina (Milei), Bolívia (Paz), Costa Rica (Chaves), Paraguai (Peña), El Salvador (Bukele), Equador (Noboa), República Dominicana (Abinader), Honduras (Asfura) e outros. Apenas Brasil e México, com Lula e Claudia Sheinbaum respectivamente, mantêm governos progressistas ou de esquerda que resistem a essa onda reacionária.

Mas essa nova geopolítica do autoritarismo tem uma característica inédita: **a extrema-direita já não opera apenas a partir dos Estados nacionais, mas como um poder supranacional coordenado**. As cúpulas do "Escudo das Américas", a presidência de Kast na organização internacional de extrema-direita, os fundos que circulam entre as campanhas de Milei, Bolsonaro e Kast, operadores como Cerimedo que cruzam fronteiras instalando fazendas de bots em diferentes países, a influência de think tanks estadunidenses e europeus sobre as políticas desses governos: tudo isso configura uma estrutura de poder que transcende as soberanias nacionais.

Essa internacional fascista não se limita a compartilhar retórica. Coordena estratégias legislativas, compartilha modelos de repressão e controle social, troca assessores e financiamento, e atua como um bloco geopolítico que pressiona os

países que ainda resistem. A pressão sobre o México e o Brasil é constante: desde a interferência diplomática até o financiamento de movimentos oposicionistas, passando por campanhas de desinformação em massa. O caso Cerimedo é apenas a ponta do iceberg de uma rede que busca replicar em toda a região o modelo de captura digital do poder.

O Paradoxo Estratégico: Como Combater um Poder Supranacional a Partir dos Estados?

Esse diagnóstico leva a um paradoxo de enorme relevância estratégica: **o tecnofascismo, por seu caráter supranacional, só pode ser combatido efetivamente a partir dos próprios Estados nacionais, mas estes estão sendo capturados justamente por esse tecnofascismo.** É o problema do cachorro correndo atrás do próprio rabo.

A esquerda e o progressismo latino-americanos têm historicamente tendido a pensar a resistência a partir da sociedade civil, dos movimentos sociais e das organizações de base. E certamente, essa dimensão continua fundamental. No entanto, o tecnofascismo demonstrou uma capacidade de captura das instituições estatais que torna insuficiente a mera resistência social. Quando o Poder Executivo, o Legislativo, os órgãos eleitorais, os meios de comunicação e até as redes sociais estão sob o controle dessa internacional reacionária, a sociedade civil fica desarmada.

A lição dos últimos anos é clara: **a resistência ao tecnofascismo requer, necessariamente, vitórias eleitorais e de governo.** Não basta protestar nas ruas se o poder do Estado continua nas mãos de quem desmonta o Estado de Direito. Não basta denunciar nas redes sociais se as redes sociais são dominadas por bots que fabricam maiorias artificiais. Não basta organizar movimentos se esses movimentos não conseguem se traduzir em governos que possam exercer o poder real.

Brasil e México são hoje os dois únicos baluartes na região onde essa equação ainda não foi resolvida a favor do tecnofascismo. Mas a pressão sobre Lula e Sheinbaum é imensa. E a pergunta que paira no ar é: poderão esses governos, com suas limitações e contradições, articular uma resposta regional coordenada que enfrente o poder supranacional da extrema-direita? Ou o tecnofascismo acabará por engolir também esses últimos redutos?

A construção de uma alternativa requer, portanto, uma estratégia de dupla via: **fortalecimento institucional a partir dos Estados que ainda resistem** (regulação das redes sociais, combate à desinformação, independência judicial, defesa dos processos eleitorais) e, ao mesmo tempo, **coordenação regional** que permita ao bloco democrático enfrentar o bloco extremista e recuperar a agenda da integração latino-americana.

Conclusões: Mais que um Presidente, um Sintoma e um Desafio

José Antonio Kast, eleito por voto popular, representa, no entanto, um fenômeno que transcende sua figura. É o sintoma de uma crise da democracia liberal, capturada por redes de desinformação e operadores políticos que utilizam a tecnologia para moldar a vontade popular. É o continuador de uma tradição autoritária que no Chile tem um nome: Pinochet. E é o executor de uma agenda geopolítica que não nasce no Chile, mas em Washington.

Mas além disso, Kast é a expressão de um processo mais amplo: a absorção da direita liberal pela direita fascista em toda a América Latina, o fim da ilusão de uma "direita democrática" e a consolidação de um poder supranacional que opera coordenadamente para impor seu projeto na região.

O escândalo Cerimedo, a fazenda de bots, os vínculos com Trump, a herança familiar fascista e o alinhamento militarista não são peças soltas. São os elementos de um quebra-cabeça que revela uma mesma imagem: um projeto de poder que combina a legalidade formal com a manipulação digital, o servilismo internacional com o autoritarismo doméstico, e a coordenação supranacional com a captura dos Estados nacionais.

Resta como tarefa à sociedade chilena e latino-americana desvendar essas tramas, resistir à colonização digital da política e defender os espaços democráticos da captura por operadores da desinformação. Mas também resta a tarefa estratégica de compreender que, nesse cenário, a luta pelos Estados — para recuperá-los, fortalecê-los, defendê-los da captura — é tão urgente quanto a luta nas ruas.

O paradoxo do tecnofascismo é que, por ser supranacional, exige uma resposta que também seja capaz de se articular além das fronteiras, mas que ao mesmo tempo necessariamente passe pela recuperação dos Estados nacionais. Enquanto Cerimedo estiver detido na Bolívia, enquanto os deputados chilenos exigirem respostas e enquanto Brasil e México se mantiverem como resistências, a pergunta permanece aberta: até onde chegará o braço dessa internacional fascista, e por quanto tempo poderão resistir os países que ainda se mantêm fora de sua órbita?

A resposta não está escrita. Dependerá da capacidade da democracia, do progressismo e da esquerda latino-americana de aprender as lições dessa derrota, de compreender a natureza do poder que enfrentam e de construir, a partir da derrota, uma nova estratégia de resistência e vitória.

Este é um artigo de livre disposição da Súdaka Magazine.

O compromisso com uma análise independente só poderá ser alcançado com o apoio dos nossos leitores.

Esta é a contribuição da Sudaka Editorial diante da avalanche de bots e informações falsas que, segundo estudos, já atinge 50% do que é difundido nas redes sociais.

Hoje é mais necessário do que nunca reforçar um compromisso informativo que defenda os valores democráticos, postos em dúvida pelo avanço do novo fascismo.

Muito obrigado por divulgar e por apoiar a Sudaka Editorial.

Mais informações: www.sudaka-editorial.com

E-mail: info@sudaka-editorial.com



Súdaka Editorial